

OFICINA DE GESTÃO DE NEGÓCIOS: BUSCANDO A INTEGRAÇÃO DO ALUNO - TRABALHADOR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ÀS EXIGÊNCIAS DO MERCADO DE TRABALHO

Luis Fernando de Lima

Licenciado em Filosofia pela PUC/MG e professor da Escola Estadual Maria das Dores Brasil.

Nadson Nei da Silva de Souza

É graduado em História pela UFRR (1999) e tecnólogo em Turismo com Habilitação em Hotelaria pelo Instituto Universitário de Tecnologia José Leonardo Chirino - Venezuela (2006). Possui uma especialização em Ecoturismo: Planejamento e Interpretação em Áreas Naturais pela UFLA (2007) e mestrado em Planificación Turística - Universidad Nacional Experimental Francisco de Miranda - Venezuela (2005). Atualmente é docente de ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR).
labrupe@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo traz uma abordagem sobre oficina de gestão de negócios como aperfeiçoamento das habilidades dos alunos trabalhadores nas instituições de ensino, tendo a preocupação de observar o modelo educacional organizado e a clientela que caracteriza o Programa de Educação de Jovens e Adultos. Utilizando uma metodologia qualitativa de cunho bibliográfico foi possível discutir um horizonte sobre a temática, uma vez que o trabalho intelectual não é tão simples de ser fomentado, particularmente quando os alunos possuem características diferentes, entre elas a que se refere à rotina dos mesmos, podendo ser aproveitadas para a prática da docência, que é a proposta deste projeto.

PALAVRAS – CHAVE

Aluno. Profissão. Auto-estima. Mercado de Trabalho.

ABSTRACT

The present article has an approach on business-oriented management workshops as the perfecting of the abilities of working pupils in educational institutions, with the preoccupation in observing the organized educational model and the clientele that characterizes the Young and Adult Education Program. Using a qualitative methodology of bibliographical matrices, it was

possible to argue on the theme, since intellectual work is not so simply fomented, especially when pupils each possess particular characteristics related to their routines, all of which can be used to the advantage of the teaching process, which is the purpose of this project.

KEYWORDS

Student. Profession. Self Esteem. Labor Market.

RESUMEN

El presente artículo posee un abordaje sobre el taller de gestión de negocios como perfeccionamiento de las habilidades de los alumnos trabajadores. Tiene la preocupación de observar el modelo educativo organizado, así los clientes que caracterizan el Programa de Educación de Jóvenes y Adultos. Utilizando una metodología cualitativa y la investigación bibliográfica fue posible discutir sobre el tema, una vez que el trabajo intelectual no es tan sencillo de fomentarse, especialmente cuando los alumnos poseen sus particularidades, entre ellas la que relacionarse con el cotidiano de los mismos, por lo que pueden aprovecharse en la práctica docente.

PALABRAS - CLAVE

Estudiante. Profesión. Autoestima. Mercado de Trabajo.

INTRODUÇÃO

A principal motivação dos jovens e adultos que procuram a Escola é, certamente, aprender e aprofundar seus conhecimentos para fazer concurso ou prestar vestibular. Entretanto, os jovens e adultos são prejudicados porque o conhecimento repassado no Ensino Médio da EJA é fundamentalmente teórico, sem a prática e não atendem a uma área específica do trabalho. Devemos considerar que os mesmos já trabalham e muitos estão fora da faixa etária, isto é, com a idade avançada.

Em outras palavras não têm mais tempo a perder. Desse modo os estudantes dessa modalidade sofrem duas perdas: a 1ª dentro do processo sócio-econômico que atravessa o mundo capitalista e a relação de hierarquia social entre empregado e empregador, que provoca a luta de classes. Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos estão completamente desprovidos de forças para superarem esse conflito social, isto é, estão fora desse processo econômico como agentes transformadores, mas agentes passivos sujeitos às especulações de quem está no poder; a 2ª, vinculada a primeira causa, está a idade.

Geralmente pensamos que o Ensino Médio é para jovens que se preparam para o vestibular e têm todo tempo da vida para realizar esse objetivo. Não é o que

acontece com o adulto que tem outra visão de mundo e aquele estudo se torna mais do que nunca necessário para o mesmo naquele momento. Nas sociedades modernas a maioria das pessoas que não sabe ler e escrever tem bastante contato com a linguagem escrita e sabe fazer alguma coisa a nível de profissão empregatória.

Partindo desse ponto chega-se a pensar que quem se matricula para continuar seus estudos, depois de haver perdido muito tempo fora de sala de aula, não pretende mais passar por avaliações como no ensino normal, mas precisa de algo que venha responder a seus anseios e possa trazer uma resposta concreta a sua realidade; realidade que o cerca.

Toda a complexidade de conflitos sociais e políticos instalam-se dentro da Escola Pública. Dentro desse contexto está o aluno que traz todo um conhecimento que não é trabalhado, enriquecido, vivenciado e – o que é mais importante – sentido. E se esse conhecimento do aluno é esquecido também, é tirada do aluno a motivação, a formação, que não é somente teórica, mas prática.

Entretanto, a sala de aula pode ser uma oportunidade para que eles ampliem seus horizontes de conhecimentos teóricos e práticos, desde que encontrem nela oportunidades de dialogar e refletir sobre seu modo de fazer.

Enfim, o respeito ao jovem e ao adulto é valorizar suas experiências e seus conhecimentos diários na sua educação sistemática e perceber que situações simples do cotidiano deles são formas de reconhecê-los e a valorização da pessoa que pensa, modifica e melhora sua vida e dos seus que necessitam dele para sobreviver (MIZUKAMI, 1986).

Para isso a proposta que vem, de fato, atendê-los é a profissionalização do Ensino Médio na modalidade de Educação para Jovens e Adultos. Não que o Ensino Médio normal não sirva como preparação para a entrada em cursos específicos na Universidade, mas para os adultos, a modalidade EJA vem a oferecer-lhes, com mais veemência, uma profissão concreta, a valorização da capacidade de concorrer a uma vaga no mercado de trabalho, sua ascensão social e o reconhecimento da sociedade.

Desta maneira o estudante faz parte integral do processo sócio-econômico do seu país ou da sua sociedade e sua idade vale como experiências fundamentais no processo sócio-educativo de uma sociedade em desenvolvimento.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na história da humanidade, a educação deu-se através de um processo de descoberta, onde o indivíduo explorava o próprio meio. O saber, o conhecimento

das coisas, tanto teórico quanto prático, não nasceu na escola, nem com a ciência, nem por obra de alguns homens privilegiados. O saber nasceu na própria comunidade, como resultado do contato entre os seres humanos e a natureza. Desde que, há milhões de anos, pela primeira vez nossos ancestrais utilizaram instrumentos para mediar suas relações com a natureza e começaram a utilizar símbolos para indicar esses instrumentos e outras coisas, o saber não cessou de crescer.

Entre 10.000 e 15.000 antes de Cristo, nossos ancestrais já tinham vida sedentária, organizavam-se em tribos, viviam em aldeias, praticavam a agricultura e o pastoreio e estavam em pleno regime de divisão social do trabalho. A partir de então, o próprio saber foi sendo apropriado por diferentes grupos, de acordo com suas atividades e, muitas vezes, mantido em segredo. Suas principais atividades desenvolvidas eram: como caçar animais, como plantar o trigo, como domesticar e tratar plantas. Portanto, segundo PILETTI (1998: 166):

... nessa etapa, a transmissão do saber era comunitária, durante o trabalho e outras atividades da tribo. Com a expansão da divisão do trabalho e o aumento das possibilidades tribais, alguns indivíduos começaram a dedicar-se ao exercício do poder, à organização do trabalho dos outros. Passaram também a apropriar-se de partes do conhecimento comum, formaram confrarias de magos, de feiticeiros, de artesãos, nas quais esse conhecimento era desenvolvido e, muitas vezes, proibido aos outros.

A partir da divisão do trabalho e suas funções na sociedade, conseqüentemente houve também a divisão do saber, um saber erudito da classe dominante e um saber popular comum a todos. Muitos conhecimentos eram aprendidos nas ruas, nos bares, nas igrejas, nos partidos, nas escolas e outras instituições. Desse modo,

a produção de um saber popular se dá, pois, em direção oposta àquela que muitos imaginam ser a verdadeira. Não existiu primeiro um saber científico, tecnológico, artístico ou religioso 'sábio e erudito' que, levado a escravos, servos, camponeses e pequenos artesãos, tornou-se empobrecido, um 'saber do povo'. Houve primeiro um saber de todos que, separado e interdito, tornou-se 'sábio e erudito', o saber legítimo que pronuncia a verdade e que, por oposição, estabelece como 'popular' o saber de consenso de onde se originou. (BRANDÃO, 1984: 25).

O SISTEMA ESCOLAR, A ESCOLA E O ALUNO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA PEQUENA ANÁLISE

Atualmente vivemos uma nova fase do desenvolvimento humano em que as modernas tecnologias de informação e da comunicação estão gerando profundas alterações ou transformações na sociedade, tanto nas concepções culturais, como também nas concepções econômicas, políticas, religiosas e etc.

Partindo desse pressuposto, acredita-se que a demanda do mundo moderno exige que as escolas ofereçam aos educandos uma formação cultural sólida e competência técnica, favorecendo o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes que permitam a adaptação, a permanência no mercado de trabalho, assim como a formação de cidadãos críticos e reflexivos, que possam exercer sua cidadania ajudando na construção de uma sociedade democrática.

O sistema escolar desconectado da realidade presente coloca como função primordial a transmissão de conhecimentos disciplinares na formação geral do aluno, sem estabelecer relação entre os conteúdos que ensina e o interesse dos alunos ou suas necessidades. Sendo assim, pode-se afirmar:

a educação é um processo formal, centrado na transmissão de informações, que se faz em sentido vertical, isto é, do “mestre” para o aluno. Em conseqüência, a avaliação não é processo, é apenas a análise do produto final: reprodução perfeita do que foi repassado para verificação; o questionário, as provas orais e as provas dissertativas são os recursos por excelência. (FRANCO, 1978: 20).

A escola deve educar para a liberdade, pois a mesma pode contribuir para a transformação social. O indivíduo educado para ser livre é aquele capaz de analisar criticamente uma situação e, a partir dessa análise, tomar a decisão que acreditar ser mais viável diante dela: poderá concluir que a situação é mais adequada e, por isso, lutar para mantê-la; mas poderá também julgar que a situação deve ser modificada e contribuir para mudança. Portanto,

só é possível educar para a liberdade num clima de liberdade. A liberdade não se ensina, qual matéria escolar teórica, mas se aprende praticando. Assim não adianta o professor e a escola declararem-se a favor da liberdade se, ao mesmo tempo, reprimirem toda e qualquer manifestação dos alunos. (PILETTI, 1998: 158).

Na perspectiva profissionalizante os educandos aumentariam sua auto-estima, sua participação escolar e social, diminuindo, assim, a exclusão e evasão es-

colar. Para que ocorra uma verdadeira mudança dentro das instituições escolares, busca-se a valorização deste espaço, que deve ser voltado para o aprimoramento, estimulando no estudo e na prática criativa de alternativas concretas de aperfeiçoamento de técnicas voltadas para o trabalho formal.

A própria escola poderá modificar-se, superar seus graves problemas, caso se disponha a possibilitar maior participação dos alunos. Os problemas dos altos índices de reprovação e de evasão escolar, por exemplo, poderiam ser encaminhados de forma mais satisfatória se os alunos pudessem discuti-los livremente e propor soluções.

Estimulando a participação dos alunos, a escola estará contribuindo para a formação do cidadão consciente de suas responsabilidades sociais, que é um dos objetivos do ensino, de acordo com a Constituição de 1988. Educando para a participação social, o indivíduo não se submeteria facilmente às injustiças e desigualdades sociais vigentes na sociedade. Ao contrário, teria condições de se envolver de forma atuante na luta pela mudança dessas condições. (PILETTI, 1998: 159).

O papel fundamental da escola é, também, abrir esse espaço e, democraticamente, gerenciar o mesmo. Para os educandos na modalidade de jovens e adultos, que já têm uma experiência de trabalho, esse espaço deve ser de aperfeiçoamento de técnicas e gestão na área experimental. Sabemos que o Governo Federal assinou os decretos que dão base legal à implementação desses cursos, porém reserva-se aos sistemas “S” de ensino como executores. Todavia, foi assinado o Decreto Nº. 5.840/2006, que traz as seguintes novas orientações:

- amplia para todos os sistemas públicos de ensino;
- para as instituições do Sistema S, como proponente;
- mantém a obrigatoriedade para a Rede Federal;
- amplia a abrangência para toda a educação básica na modalidade EJA;
- inclui a possibilidade de oferta de cursos na forma concomitante, além da forma integrada;
- prevê a conclusão dos estudos e a respectiva certificação a qualquer tempo desde que demonstrado o domínio dos conteúdos do nível de ensino;
- e institui um Comitê Nacional para acompanhamento e controle social da implementação nacional do Proeja.

Na rede Estadual de Ensino é uma proposta que vem atender aos educandos que já trabalham – para aperfeiçoar suas habilidades e competências – e para quem não trabalha servirá como instrução empreendedora em qualquer ramo de mercado. A Educação de Jovens e Adultos para o século XXI só subsiste dentro dessa nova perspectiva de investimento no sustentável e na participação social,

a educação de adultos torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento sócio-econômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça. (Declaração de Hamburgo sobre a EJA).

OFICINA DE GESTÃO DE NEGÓCIOS

No decorrer do ano letivo de 2007, foram observadas, nas turmas dos terceiros anos, através do contato cotidiano e do diálogo na sala de aula com alunos do período noturno da Escola Estadual Maria das Dores Brasil, algumas necessidades básicas, como desenvolver algo prático que promovesse um retorno financeiro. Para o lado feminino sobressai a beleza, a estética e para o masculino o manuseio com a eletricidade, com a madeira, com a massa de concreto, com o comércio formal e informal.

Partindo dessas necessidades, surgiu a idéia de implementar uma oficina de gestão de negócios tendo como objetivo promover ações voltadas ao empreendedorismo para o aluno da Educação de Jovens e Adultos ingressar no mercado de trabalho. Neste sentido o jovem deve se aperfeiçoar e adquirir habilidades durante o processo educativo. A criação do ambiente propício para que o educando seja sujeito da construção do conhecimento. Para a implementação da oficina é necessário que a Escola compartilhe em seu currículo os recursos humanos e materiais, tendo em vista um caráter sistêmico, contínuo, de acordo com o Projeto Político Pedagógico.

No momento atual a Escola não dispõe de pessoal qualificado para exercer tal função pedagógica no campo profissionalizante, mas a oficina serve também para isso. A própria Escola, dentro de seu Projeto Político Pedagógico, pode incluir a Oficina, tendo em vista os objetivos traçados e fazer convênio e contrata-

ção de profissionais para exercer essa função. Dessa forma ganham a Escola, os alunos e os profissionais envolvidos no processo.

A oficina de Gestão de Negócios é a alternativa para os jovens e adultos empreendedores que almejam um espaço no mercado de trabalho e sua valorização profissional. É justamente dentro dessa expectativa que essa questão deve ser pensada e trabalhada, buscando a melhoria do jovem e do adulto, tanto no ponto de vista de realização profissional, como no econômico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que a metodologia pedagógica adotada pela Escola contribui para a exclusão, que por sua vez leva o estudante a abandonar os estudos. Segundo a pesquisa realizada na Escola com os alunos do Ensino Médio do período noturno, foram feitos alguns questionamentos a respeito dos currículos ou grades curriculares que são cumpridos na Educação de Jovens e Adultos.

A maioria dos alunos que respondeu aos questionamentos declara-se insatisfeita porque os conteúdos são somente teóricos e na maioria das vezes, servem apenas para ampliar seus conhecimentos teóricos, mas não ajudam no técnico profissional, pois a maioria dos alunos deste período já tem experiências trabalhistas, são funcionários de pequenas empresas ou são autônomos.

Baseado nesta situação concreta que os alunos da Educação de Jovens e Adultos atravessam é bastante válido considerar que a escola deve aperfeiçoar os conhecimentos dos educandos (FARIA, 1989), transformando ou adequando os conhecimentos dos mesmos para uma Educação Profissional.

Como resultados esperados para o aluno têm-se: qualificação dos alunos da Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual Maria das Dores Brasil como estratégia para atender o mercado de trabalho; melhora da auto-estima dos alunos, tendo em vista que em sua maioria já são trabalhadores (formais e informais) e já possuem experiência com relação ao mercado de trabalho; preparação para o futuro, no que diz respeito àqueles alunos que ainda não se encontram inseridos no mercado de trabalho; valorização das experiências do mercado que o aluno traz para a escola.

Para a escola: repensar a forma segundo a qual se trabalha a modalidade de Educação de Jovens e Adultos ofertada; elevar o nível da qualidade da instituição escolar. Para o docente: valorização dos profissionais envolvidos na oficina; aquisição de conhecimentos mercadológicos; flexibilidade do profissional em termos de adaptar seus conteúdos à realidade do mercado de trabalho.

No que se refere ao conhecimento, este deve ser entendido como um con-

junto de saberes, técnicas, competências e aptidões. Isto quer dizer que o saber teórico deve necessariamente está vinculado à prática cotidiana, ou seja, tudo que é aprendido na teoria deve ser vivenciado na prática. Quando o conhecimento é trabalhado em consonância teoria e prática, criam-se oportunidades do educando se aperfeiçoar para o profissionalizante.

Quando se refere à inclusão, é preciso adequar-se através do compromisso social porque para o jovem e, principalmente, o adulto serem aceitos no mercado de trabalho, sempre é exigida a experiência prática. Quando o educando, jovem e adulto, inicia um trabalho empreendedor a aceitação torna-se relevante. O propósito da oficina de gestão de negócios é, também, elevar o nível intelectual do jovem e do adulto no campo profissional para que atue como empreendedor.

Atualmente, a qualificação profissional é muito importante para todos os níveis, esta prática é importante para a vida. Isto significa que a Escola, como um todo, não deve ser alheia a essa nova realidade, ela é comprometida em preparar seu educando para a vida, aperfeiçoando-o para o mundo competitivo, bem como provocar reflexões sobre este mesmo mundo através da criticidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos R. **Educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, SEF. **Parâmetros curriculares nacionais**. Ensino médio, 1998.
- FRANCO, Ângela. **Metodologia de Ensino**: Didática. Belo Horizonte: Lê, 1997.
- PILETTI, Nelson. **Sociologia da Educação**. 17. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em Educação**: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- JOSÉ, Elizabete da Assunção e COELHO, Maria Teresa. **Problemas de Aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- ZÓBOLI, Graziela. **Práticas de Ensino**: Subsídios para a atividade docente. 9. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.
- FARIA, Wilson Se. **Aprendizagem e planejamento de ensino**. São Paulo: Ática, 1989.